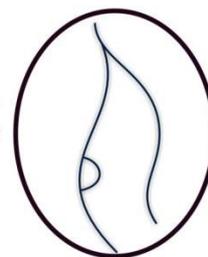




INTERFACE
ISSN 1806-6062



nemad@uft.edu.br - Interface (Porto Nacional), Edição número 05, Outubro de 2012.

A endogeneização no povoado Mumbuca, no Jalapão/TO: uma ferramenta para o desenvolvimento local

Ruberval Rodrigues de Sousa¹

Maria Dilma de Lima²

Resumo: Este estudo tem como objetivo mostrar a dinâmica de organização de uma comunidade centenária, reconhecida oficialmente como comunidade remanescente de quilombo, chamado Mumbuca, localizado a aproximadamente 30 quilômetros da cidade de Mateiros, no Parque do Jalapão, estado do Tocantins. Instalada em uma área de difícil acesso, desde os seus primeiros habitantes desenvolveram uma tradição com o capim dourado, planta comum na região, que tem um brilho semelhante a ouro, utilizada para a produção de artesanato, símbolo da cultura da comunidade e do Estado. Um povo que aprendeu com seus antepassados a lidar com o capim dourado, transmitir conhecimentos e habilidades acerca da planta para os seus descendentes, estabelecendo assim uma tradição de manter junto com a sua a história do capim dourado. Esta união já dura mais de um século, e, mesmo assim, a tradição dos primeiros moradores continua preservada, demonstrando assim que a endogeneização é a principal ferramenta de desenvolvimento na construção do espaço e do território do Povoado Mumbuca.

Palavras-chave: Isolamento. Endogeneização. Desenvolvimento Local.

Abstract: This study aims to show the dynamics of organizing a community centennial, officially recognized as a community reminiscent of quilombo, called Mumbuca, located approximately 30 kilometers from the city of Mateiros, in the Park of Jalapão, Tocantins State. Installed in an area of difficult access, from its earliest inhabitants developed a tradition with the golden grass, common plant in the region that has a shine like gold, used for craft production, symbol of the culture of the community and the state. A people who learned with their ancestors to cope with the golden grass, transmitting knowledge and skills around the plant to their offspring, establishing this way a tradition of keeping together with their the golden grass history. This union that already lasts more than a century, and even then, the tradition of the first residents remains, thus demonstrating that the endogeneisation is the main development tool in the construction of space and territory of the village Mumbuca.

Keywords: Isolation. Endogeneisation. Local Development.

¹ Mestre em Desenvolvimento Regional pela Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande/MS. Especialista em Metodologia do Ensino de Língua Inglesa pela Universidade Federal do Tocantins em parceria com o Conselho Britânico. Graduado em Comunicação Social e em Letras pela Universidade do Tocantins – UNITINS. Professor de Língua Inglesa e Língua Portuguesa da Rede Oficial de Ensino do Estado do Tocantins. Secretário Executivo na Fundação Universidade Federal do Tocantins. E-mail: ruberval@uft.edu.br.

² Professora Adjunta: Curso Engenharia Civil/Campus Palmas/Universidade Federal do Tocantins.:

1. Introdução

O desenvolvimento local acontece de fato quando se percebe melhorias na qualidade de vida das comunidades e, a promoção destas melhorias é um dos principais objetivos da luta diária das populações na atualidade. Ninguém melhor que os próprios integrantes das comunidades para lutarem contra as amarras que lhes mantêm presos ao subdesenvolvimento.

O foco deste estudo é voltado para a endogeneização como uma ferramenta para se combater o subdesenvolvimento presente em grande parte das comunidades de um modo geral, e principalmente nas comunidades tradicionais, desta forma chega-se ao desenvolvimento local. O objeto de pesquisa foi o povoado Mumbuca, comunidade tradicional, reconhecida oficialmente como remanescente de quilombo em 2006 pela Fundação Cultural Palmares.

O povoado Mumbuca está situado em uma região pouco povoada dentro do parque do Jalapão no Estado do Tocantins. Atualmente, pouco mais de 200 pessoas ocupam o mesmo espaço há cerca de um século, reproduzindo ali os mesmos modos de vida dos seus antepassados. O povoado foi formado basicamente por negros que deixaram a Bahia em busca de melhores condições de sobrevivência na primeira década do século XIX.

Por tratar-se de uma comunidade que tem a sua história registrada principalmente na oralidade, optou-se pela observação "in loco" como um dos principais meios de coleta de informações para se entender a organização comunitária face ao isolamento vivido e às melhorias na qualidade de vida da comunidade nas últimas décadas trazidas pelo artesanato do capim dourado.

A história dessa comunidade chama à atenção pelo fato de que os seus moradores, há aproximadamente um século, constroem a própria história, vivendo quase que de forma isolada, criam e recriam modos específicos de vida que são transmitidos através dos tempos e das gerações, em um espaço peculiar, sendo cada membro um protagonista da própria

história, tecendo com o capim dourado a principal fonte de renda de sua população, usando os conhecimentos deixados pelos seus ancestrais na construção de um território que visa a melhoria na qualidade de vida, principalmente de sua coletividade, assim promovendo o desenvolvimento local.

Em se tratando de estudos realizados através de observações, principalmente quando o assunto é referente ao desenvolvimento local ou pelo menos às potencialidades para o desenvolvimento local que uma comunidade porventura tenha, as comunidades tradicionais são campos de estudos ideais, porém, não há que se destacar apenas o produto do seu trabalho, neste caso o artesanato do capim dourado, mas principalmente a história dessa gente, sua cultura construída e enraizada no espaço, absorvida pelos seus habitantes e transmitida de pai para filhos através das gerações.

2. A comunidade e sua organização social

O povoado Mumbuca tem a sua organização social pautada pelo respeito e seguimento aos ensinamentos repassados pelos mais velhos aos mais novos acerca da forma tradicional que se tem vivido na comunidade nos últimos cem anos.

A organização social da comunidade citada na pesquisa hoje em dia tem o seu cotidiano quase que exclusivamente voltado para a produção de artesanato com o capim dourado, planta típica da região utilizada na confecção de adereços como brincos, colares, pulseiras e bolsas, objetos de decoração das mais variadas formas, dentre outros utensílios. A prática artesanal relacionada ao capim dourado remonta aos primeiros habitantes do povoado e vem sendo transmitida de pais para filhos, perpetuando-se através dos tempos e das gerações, criando-se assim a tradição de se valorizar o conhecimento e repetir o modo de vida dos seus ancestrais.

Conforme relatam os moradores do povoado, a consanguinidade é uma constante na população atual e, até o início da década de 1990 tinham a agricultura de subsistência como

principal meio de vida, a partir de então, a região do Jalapão despontou no cenário turístico devido às suas peculiaridades naturais e, o artesanato do capim dourado produzido pela comunidade passou a ter projeção em diversos cenários, inclusive internacionais.

O cenário do Jalapão compreende seis municípios (Ponte Alta do Tocantins, Mateiros, São Félix do Jalapão, Novo Acordo, Santa Tereza do Tocantins e Lagoa do Tocantins) uma região de cerrado, onde o terreno, geralmente arenoso, não tem muito valor para a agricultura, sobrando desta forma espaço para uma tímida prática da pecuária; os contrastes naturais existentes naquela área chamam a atenção de turistas e pesquisadores. Serras com diversas tonalidades de cores servem de pano de fundo para uma verdadeira teia composta por seis rios (Sono, Soninho, Novo, Balsas, Preto e Caracol), vários riachos e ribeirões, cachoeiras, e dunas de areia que lembram um deserto compõem a paisagem do local onde o povoado Mumbuca decidiu escrever a sua história.

3. Isolamento e estruturação

A comunidade Mumbuca, embora pertença politicamente ao município de Mateiros, está localizada em média a trinta quilômetros da sede do município. Até a década de 1990, quando o turismo na região do Jalapão passou a ser um dos principais roteiros turísticos do Estado, a população viveu praticamente isolada.

Antes da exploração turística no Jalapão o acesso ao povoado era feito através de trilhas e pontes improvisadas em condições precárias e, chegar à comunidade não era tarefa fácil em razão do excesso de lama ou de areia nos períodos chuvoso e seco, respectivamente. O trajeto só era possível a pé ou montado em animais, estabelecendo-se desta forma uma espécie de isolamento "compulsório", o que de certa forma fez com que a comunidade retirasse do próprio local os elementos necessários para a sua sobrevivência e para a sobrevivência da tradição criada pelos seus antepassados naquele espaço.

Com o advento do turismo para a região e a comercialização do artesanato produzido com o capim dourado, as condições de acesso ao povoado foram facilitadas. Atualmente têm-se estradas (sem pavimentação) e pontes que dão acesso ao local; as moradias são, no geral, construções com paredes de adobe e cobertura feita com palhas de palmeiras, além de um telefone público instalado no centro do povoado e uma escola pública construída.

Apesar das tímidas melhorias referentes ao acesso e à moradia no povoado, ainda se vive algumas dificuldades como a falta de saneamento básico, água encanada, a falta de serviços básicos de saúde e também a falta de transporte, entretanto, o que se percebe entre os moradores é a predominância de um sentimento de pertencimento ao lugar, uma vivência fundamentada em uma relação de proximidade e fidelidade entre o homem e o meio ambiente, reforçando a tese de Tuan (1980, p.105) sobre topofilia: "[...] a topofilia consiste no elo afetivo que a pessoa ou um determinado grupo social tem em relação ao lugar ou ao ambiente físico".

Em função do isolamento a que esteve submetida a população do povoado Mumbuca "compulsoriamente" antes de sua "abertura", face às dificuldades de se abandonar o local, de romper com as suas tradições e recomeçar a vida em outra localidade, ao invés de fomentar um êxodo para localidades mais acessíveis e com melhores condições de vida, a comunidade, intuitivamente, resolveu fincar ali mesmo ainda mais suas raízes e construir uma vida melhor, apesar de facilidades que poderiam encontrar em outras localidades.

As ações que propiciam mudanças no cotidiano dos grupos sociais e lhes permitem uma vida melhor devem surgir do seio da própria comunidade – endogeneização – conforme conceito de endógeno dado por Bava (1996), conceituação esta também comungada por Ávila (2003), reforçando assim a ideia de que o desenvolvimento só existe de fato quando membro de uma comunidade se sente responsável pelas melhorias das condições de vida local, teoria também reforçada por Godard

et al. (1987, p. 139) quando cita : “[...] uma das chaves do desenvolvimento local reside na capacidade de cooperação de seus atores[...]”, demonstrando que ninguém melhor do que a própria comunidade para promover o seu progresso.

4. Tradição, endogeneização e desenvolvimento local em Mumbuca

Cada grupo social com raízes fincadas na tradicionalidade impressa no local a partir do território vivido através dos tempos imprime no espaço marcas que atravessam gerações e convergem para um modo de vida peculiar que tende a ser repetido pelos seus descendentes. McIver (apud Ferreira, 1968, p. 6) define Comunidade como: “[...] um círculo de pessoas que vivem juntas, que permanecem juntas de sorte que buscam não este ou aquele interesse particular, mas um conjunto inteiro de interesse [...]”.

O povoado objeto deste estudo, por suas características, é considerado como uma comunidade tradicional. Diegues (1996, p. 87) traz a seguinte definição para comunidades tradicionais:

Comunidades tradicionais estão relacionadas com um tipo de organização econômica e social com reduzida acumulação de capital, não usando força de trabalho assalariado. Nela produtores independentes estão envolvidos em atividades econômicas de pequena escala, como agricultura, pesca, coleta e artesanato [...] o conhecimento tradicional pode ser definido como o saber e o saber fazer – a respeito do mundo natural [...] transmitidos, em geral, oralmente de geração em geração.

No povoado Mumbuca ficam evidentes as características que demonstram ser esta uma comunidade tradicional e, na cultura local a produção artesanal a partir do capim dourado, bem como a tradição em torno da transmissão de conhecimentos dos mais velhos aos mais novos, evidenciam uma prática já em desuso na atualidade pelas comunidades “modernas”.

Com pouco mais de um século de existência, a população local acostumou-se a retirar da terra a sua autossustentação, reiterando a tese da topofilia definida por TUAN

(*Op. cit.*), e, neste caso, demonstrada através da participação comunitária no seu processo de evolução. Esse engajamento da população na melhoria de sua qualidade de vida converge para o que se considera desenvolvimento local, ou pelo menos uma comunidade com potenciais para o desenvolvimento local, conforme ensina Ávila (2000, p. 68):

O Núcleo Conceitual do Desenvolvimento Local consiste no efetivo desabrochamento – a partir do rompimento de amarras que prendam as pessoas em seu *status quo* de vida – das capacidades, competências e habilidades de uma ‘comunidade definida’ (portanto com interesses comuns e situada em [...] espaço territorialmente delimitado, com identidade social e histórica, no sentido de ela mesma – mediante ativa colaboração de agentes externos e internos – incrementar a cultura de solidariedade [...]).

Considerando-se o posicionamento e o envolvimento da comunidade local na construção dos caminhos que a levarão rumo a melhorias na qualidade de vida e nesse ponto há que se ressaltar que os benefícios trazidos por essa preocupação da comunidade visa beneficiar a coletividade e não apenas a individualidade, reforçando a ideia da endogeneização como ferramenta de desenvolvimento.

No caso do povoado Mumbuca o isolamento era uma das amarras citadas por Ávila que impedia o desabrochamento comunitário, porém, o próprio isolamento propiciou à comunidade descruzar os braços e lutar para que a história local fosse reescrita a partir do próprio trabalho, afluindo para o que se define como desenvolvimento local, o que vem a ser ratificado na definição de Junqueira (2000, p. 118) para Desenvolvimento Local:

Desenvolvimento Local é entendido como um espaço dinâmico de ações locais, tendo como pressuposto a descentralização, a participação comunitária e um novo modo de promover o desenvolvimento que possibilita o surgimento de comunidades capazes de suprir suas necessidades imediatas, descobrindo ou despertando para suas vocações locais e desenvolvendo suas potencialidades específicas.

O espaço do povoado Mumbuca como qualquer espaço ocupado por uma

comunidade, seja ela tradicional ou não, vai sendo montado como um mosaico composto por elementos geográficos, elementos naturais e as interações sociais, tudo isso junto dá vida ao espaço conforme ensina Santos (1994, p. 49): “O espaço deve ser um conjunto indissociável de que participam de um lado, certo arranjo de objetos geográficos, objetos naturais e objetos sociais, e, de outro, a vida que a preenche e os anima, ou seja, a sociedade em movimentos”.

Respeitando suas tradições, as práticas sociais no povoado Mumbuca reiteram as definições de Santos (2008, p. 34) quanto à tradição na construção do espaço:

O espaço aparece com o um substrato que acolhe o novo mas resiste às mudanças, guardando o vigor da herança material e cultural, a força do que é criado de dentro e resiste, força tranqüila, que espera, vigilante, a ocasião e a possibilidade de se levantar.

A definição acima pode ser facilmente visualizada na constituição do território mumbuquense, onde o conhecimento é transmitido através das gerações a fim de se permanecer reproduzindo no local as tradições dos seus antepassados e, principalmente internalizar a ideia de que o principal para a identidade do grupo nasce do próprio grupo, reforçando o conceito de endogeneização, como sendo o principal ingrediente para o desenvolvimento local conforme defendeu Ávila (2003, pp. 23-24), e, a necessidade da participação efetiva da comunidade no seu processo de desenvolvimento:

O Desenvolvimento Local propõe que um processo efetivo de desenvolvimento pode surgir de forma sustentável, contínua e endógena, por meio da participação ativa, cooperada e solidária dos vários agentes de uma comunidade. [...] entende-se que o desenvolvimento significa um processo contínuo de melhorias para uma comunidade, não somente nos aspectos econômicos de geração de emprego e renda, como também sociais (diminuição de desigualdades, melhorias na saúde, educação, cultura e demais indicadores sociais). (MARQUES; MARTINS, 2003, p. 109).

Na construção do seu território, a produção de peças artesanais a partir do capim

dourado tornou-se tradição entre os habitantes do Mumbuca. Ao longo dos tempos os artesãos transferem para o seu artesanato características que remontam ao início do século passado, e que sobrevivem ao tempo. Embora tragam em si impressões particulares de cada artesão, preservam traços peculiares da cultura local e que garantem a perpetuação, pelo menos até então, de sua tradição. Segundo Vives (1983, p. 137):

[...] qualquer que seja sua origem, raça ou nacionalidade os artesãos têm um dom em comum: trabalham manualmente. E criam. Empregam como utensílio as mãos, instrumento incomparável, que máquina alguma jamais poderá igualar, e dão formas a ideias e expectativas que, mesmo coletivas, recebem sua marca pessoal, como é o caso dos artesãos tradicionais. [...] O homem e a cultura, expressos na grande liberdade do fazer manual. [...].

A principal tradição do povoado Mumbuca, certamente uma das mais antigas do lugar, mais respeitada e mais difundida entre os seus integrantes é a arte de trançar os fios do capim dourado com a seda do buriti para a produção de peças decorativas, ornamentação pessoal e utensílios domésticos.

O artesanato durante anos foi um trabalho de exclusividade feminina em Mumbuca, com o advento do turismo e o encantamento dos turistas pelas peças douradas que retratam não apenas a cultura da comunidade do povoado, mas de toda a região do Jalapão, passou a ser praticada por todos os membros das famílias. As técnicas utilizadas na prática artesanal pelas comunidades tradicionais para garantir a sua sobrevivência foram ressaltadas por Santos (1996, p. 25): “as técnicas são um conjunto de meios instrumentais e sociais, com os quais o homem realiza sua vida, produz e, ao mesmo tempo, cria espaço”, explicitando assim o reconhecimento, respeito e proteção dos moradores pela matéria-prima da sua sobrevivência, no caso estudado, o capim dourado, principal elemento constitutivo da cultura mumbuquense. Atualmente, os homens dividem o tempo entre o plantio de roças para garantir a alimentação da família e a produção artesanal, sendo esta, a principal fonte de renda em Mumbuca.

A arte com o capim dourado era uma prática anterior à abertura trazida pelo turismo, que fora aprendida pelos primeiros moradores do povoado com índios Xerente da região e repassada de geração em geração até os dias atuais. Entretanto, as peças produzidas anteriormente serviam como utensílios domésticos e, esporadicamente, eram comercializadas quando das viagens às cidades em busca de mercadorias que não produziam no povoado, peças estas que, por muitas vezes, se tornaram moeda de troca dos moradores no comércio externo à comunidade.

Na prática, os avanços percebidos na vida dos mumbuquenses a partir da popularização dos seus recursos naturais e de sua arte são narrados com orgulho pelos moradores. Em relatos de integrantes da comunidade a exaltação ao artesanato com o capim dourado é constante. Dona Martina Ribeiro Tavares, 57 anos, que há algum tempo mudou-se do povoado para viver com o marido em outra propriedade descreveu a simbologia do capim dourado para a transformação do modo de vida local.

[...] vivi maior parte da minha vida lá, o capim dourado virou a nossa maior riqueza, deu conforto para nós. (...) antes nós não tinha falta de conforto porque nós não sabíamos o que era, tudo era improvisado, nós produzía quase tudo que nós precisava. (...) foi assim que os mais antigos viveram e foram ensinando os outros. Hoje eu moro em outra comunidade perto da Mumbuca, não trabalho mais com o capim dourado devido a problema de saúde. [...]. (sic). (Entrevista concedida aos autores deste trabalho no Povoado Mumbuca em 18.07.09).

Na fala de Dona Miúda, uma das figuras mais representativas do povoado dá para se ter uma ideia de como os moradores se relacionam e respeitam o capim dourado:

[...] a gente sempre teve o capim dourado para trabalhar, mas nós aprendemos a *labutar* (sic) com ele. A gente sempre panha o capim só quando ele tá maduro, mas tinha gente que panhava em qualquer tempo. (...) quando o capim tá verde as peças não têm brilho, não tem beleza, e as pessoas de fora estavam panhando o capim e vendendo nos outros lugares, agora tem lei, tem fiscalização, mas não dá conta de cuidar de tudo. [...].

[...] a gente colhe o capim no mesmo lugar em um ano e só dois anos depois a gente colhe no mesmo lugar. Depois de colher a gente deixa as sementes lá mesmo na vereda e põe fogo para que elas nasçam fortes e assim não acabe o capim. (...) agora só pode tirar o capim das veredas quem tiver a carteira de artesão feita pelo governo, e tem que respeitar o capim e as leis. Ninguém pode tirar o capim dourado daqui se não for o artesanato pronto e acabado por nós moradores. [...]. (sic) (Entrevista concedida por Dona *Miúda* aos autores deste trabalho no Povoado Mumbuca, 16.07.09).

A memória é uma das principais testemunhas da tradição do povoado. Muitos fatos do seu passado estão registrados apenas na lembrança das pessoas, porém, conversando com velhos ou jovens, percebe-se que entre os moradores do Mumbuca a difusão de conhecimentos acerca do modo peculiar que vivem e, principalmente, das técnicas sobre o manejo e utilização do capim dourado no artesanato é uma prática comum. Segundo Santos (1996, p. 264) “[...] a memória coletiva é apontada como um cimento indispensável à sobrevivência das sociedades, o elemento de coesão garantidor da permanência e da elaboração do futuro. [...]”. Assim, embasados no pensamento coletivo em prol da unidade vivida no povoado, se está ainda garantindo a permanência da tradição local para as gerações futuras.

Em Mumbuca a oralidade é o principal instrumento utilizado, principalmente pelos idosos, na transmissão de conhecimentos, da tradição do seu povo e na conscientização de todos sobre as regras instituídas única e exclusivamente pela tradição local, o que sobremaneira ajuda na organização social do espaço, conforme menciona Da Matta (2000, pp. 48-49):

[...] sem a tradição uma coletividade pode viver ordenadamente, mas não tem consciência do seu estilo de vida. E ter consciência é poder ser socializado, isto é, é se situar diante de uma lógica de inclusões necessárias e exclusões fundamentais, num exaustivo e muitas vezes dramático diálogo entre o que nós não somos (ou que devemos ser) e aquilo que os outros são e, logicamente, nós não devemos ser. Ter tradição significa [...] mais do que viver

ordenadamente certas regras, plenamente estabelecidas. Significa, isso sim, vivenciar as regras de modo consciente (e responsável), colocando-as dentro de uma forma de temporalidade [...] mas no caso das tradições culturais autênticas, o processo é dialético e existe uma interação complexa, recíproca, entre as regras e o grupo que as realiza na sua prática social. Pois se as regras vivem o grupo, o grupo também vive as regras.

A tradição e a organização social existentes na história de Mumbuca por meio de uma cultura singular demonstram a força endógena desse povo no seu processo de evolução, remetendo à menção feita por Casarotto Filho (1998, pp. 87-88) acerca da participação comunitária no seu processo de desenvolvimento:

Em casos de grandes potencialidades naturais ou na quase e total restrição das mesmas, a potencialidade básica de qualquer local, região ou país está assentada em sua população, ou mais amplamente, em seu ambiente: a interação dessa gente, por meio de sua cultura, com o território e suas relações externas. Essa é a alavanca principal do processo de desenvolvimento e que requer grandes esforços de fomento e promoção.

Conforme ficou demonstrado por Sousa (2009, p. 26) “[...] a tradição consiste exatamente em, embora sem nenhuma obrigatoriedade, haver a repetição durante várias gerações das maneiras de um grupo social se relacionar com o local e seus elementos, o que imprime no mesmo um modelo típico de vida [...] a relação de um povo com um espaço, com o seu passado, com a sua própria história e a de seus antepassados, e a repetição dos seus costumes através das gerações, são elementos estruturantes para demonstrar que a tradição é uma poderosa arma na construção social de uma coletividade, o que também é reforçado por Santos (1996, p. 264) quando diz: “A memória coletiva é apontada como um cimento indispensável à sobrevivência das sociedades, o elemento de coesão garantidor da permanência e da elaboração do futuro”.

Em suma, distância não é e nem pode ser considerada como uma forma de isolamento, entretanto, a impossibilidade de acesso ao povoado Mumbuca em determinadas

épocas do ano devido às condições das estradas (sem pavimentação, sem sinalização e sem manutenção), ao acúmulo de areia na estação seca e lama na estação chuvosa, que por vezes restringe o tráfego a apenas veículos especializados para essas condições, situações estas que se repetem a cada ano, o isolamento geográfico não compele a comunidade a deixar o local ou minimiza os elos entre os moradores e o local.

A distância e o isolamento não venceram a tradição de, embalados pelas interações comunitárias com o lugar onde decidiram construir o seu território, repetirem a vivência e o fazer dos seus ancestrais. A arte com o capim dourado, internalizada e apropriada pelos primeiros habitantes mumbuquenses, não foi enfraquecida pela diminuição do isolamento a que estavam submetidos nem pelo contato com outras culturas.

A comunidade, quer seja pelo isolamento e/ou pela distância que sempre esteve de outras comunidades, aprendeu a retirar do espaço e território construídos no povoado o essencial para a sua sobrevivência. O capim dourado, uma planta, cujo nome científico é *Syngonanthus nitens*, sempre-viva da família *Eriocaulaceae*, encontrado nas veredas, situadas paralelas aos cursos d'água - ecossistema típico das regiões de cerrado -, com predisposições de umidade constante e presença da palmeira Buriti (*mauritia flexuosa*), palmeira da qual se extrai a seda utilizada para “costurar” o capim dourado na produção do artesanato, conforme citado por Schmidt (2005) passou a ser a principal fonte de renda para a população.

A população do povoado Mumbuca criou situações essenciais para o desenvolvimento local, sintetizando a ideia de Souza (1996a: 5) também compartilhada por tantos outros teóricos sobre Desenvolvimento:

Desenvolvimento pressupõe mudança, transformação positiva, desejada ou desejável. Clamar por desenvolvimento (seja a partir de que ângulo for) só é concebível, portanto, no seio de uma cultura que busque a mudança ou que esteja conscientemente aberta a essa possibilidade como um valor social.

A convivência com o meio ambiente, principalmente com o capim dourado, permitiu mudanças na vida local. O artesanato abriu as portas da comunidade para o mundo exterior e fez com que a cultura em torno do capim e os elos do seu povo com as tradições do passado fossem conhecidas.

Endogenamente brotou do seio da própria comunidade o desenvolvimento local. As pessoas decidiram usar a própria história para unir o passado e o presente em prol de melhorias de vida no campo social, estrutural, cultural e econômico.

Com o passar dos tempos a repetição do modo de vida sem a interferência de outras comunidades, a história do povo mumbuquense, que manteve as suas tradições, principalmente no tocante às relações com o capim dourado, que perduram desde o início do século passado até os dias atuais.

Com o passar dos tempos, e sem muitas interferências de outras comunidades, o povo mumbuquense manteve suas tradições, principalmente no tocante às relações com o capim dourado, as quais se mantêm, desde o surgimento do povoado no início do século passado, até os dias atuais.

As características desse modo de vida peculiar ficam escondidas quando o assunto é o artesanato do capim dourado. Este já é bastante difundido em várias partes do mundo e, pela sua beleza, tornou-se símbolo do estado do Tocantins. Com isso foram criadas leis de proteção e que regulamentam a extração e o manejo do capim dourado, legislação esta que, não dá menos importância aos moradores do povoado Mumbuca, em Mateiros e de outros municípios da região do Parque Estadual do Jalapão, juntamente com a cultura do seu bem maior que é o capim dourado, sua principal garantia de subsistência e desenvolvimento.

5. Considerações finais

A ocupação do espaço do povoado Mumbuca e a repetição do mesmo modo de vida dos seus antepassados, há mais de um século no local estabeleceu uma cultura peculiar. A população viveu praticamente

isolada até a década de 1990, quando também a região do Jalapão tornou-se um dos principais roteiros turísticos do Estado. Até então o povoado Mumbuca ficava isolado de outras comunidades.

A construção do território mumbuquense se deu também de forma isolada, conforme narram os moradores, pois o acesso a outras comunidades era feito por trilhas abertas pelos moradores para buscarem em outras localidades algo que eles não conseguiam produzir no povoado.

A tradição acerca dos costumes dos antepassados acumulados há mais de um século no mesmo espaço despertou nos moradores um sentimento de pertencimento capaz de fazê-los ignorar as adversidades trazidas pelo isolamento ou difícil acesso, pela falta de ações do poder público e até mesmo de outras entidades voltadas para a comunidade, e continuar acreditando e lutando para a construção de uma vida melhor.

A comunidade Mumbuca, a partir das dificuldades relativas ao povoado, despertou nos seus integrantes a percepção de que não poderiam esperar por ações externas, e sim que cada morador se sentisse responsável pela melhoria na vida do grupo social.

Observações acerca do comportamento dos moradores de Mumbuca quanto ao seu ofício de artesãos com o capim dourado, demonstram que, a partir do entrelaçamento dos escapos do capim com a seda retirada da palmeira do buriti, o artesanato lhes proporciona, independentemente da interferência de agentes externos, a construção de sua realidade.

O capim dourado, ainda encontrado fartamente no povoado Mumbuca, passou a ser a matéria-prima da construção do seu cotidiano. O artesanato tornou-se a principal fonte de renda dos seus habitantes e isso faz com que cada morador daquela comunidade se conscientize acerca da importância do capim dourado para a construção de sua história e da necessidade de conhecimento e preservação do capim, ensinamentos estes muito comuns na tradição local e que garantem o sustento e a existência de suas gerações futuras.

A cultura local é a cultura da endogeneização, pois desde pequenos os moradores já aprendem que existe uma relação vital entre o capim dourado e o povoado Mumbuca, a qual é evidenciada no cotidiano vivido, construindo uma identidade peculiar apropriada pelos membros da comunidade.

A organização social no povoado converge para ações que partem da própria comunidade em prol dela mesma; utilizam elementos locais, especialmente as tradições, na construção de sua cultura, não se preocupando apenas com as melhorias no campo econômico, mas principalmente no modo de agir comunitário, onde a predominância do grupal ao individual é claramente percebida. Isso melhora a qualidade de vida de seus integrantes.

Os elementos estruturantes da comunidade em questão deixam claro que, por dependerem da natureza, a respeitam e passam isso aos seus descendentes. A individualidade cede espaço para a comunitarização, para a ideia de que devem retirar da natureza apenas aquilo que necessitam e assim garantir a sustentabilidade para as gerações futuras.

A participação comunitária e a escassez de ajuda exógena no modo de vida no povoado Mumbuca, situado no município de Mateiros, Jalapão, região leste do Estado do

Tocantins, evidencia um processo de desenvolvimento local, destacando as forças internas da comunidade quanto às melhorias de vida, respeitando os ensinamentos vindos dos primeiros habitantes do povoado e, que mesmo com o passar dos tempos, com a "abertura" e contatos da comunidade com outras culturas, permanecem os costumes locais e, por sentirem-se responsáveis pelo local, preferem o seu próprio modo de vida.

A cultura de um povo é um bem imaterial que não pode ser esquecido em detrimento de uma visibilidade maior que o fruto do seu trabalho pode ter. Os registros da história de vida do Povoado Mumbuca, costurada com o capim dourado, por muito tempo permaneceu apenas na memória das pessoas. A cultura de transmissão de conhecimentos para os seus descendentes garantiu a sua subsistência, mesmo que, atualmente, a comunidade não se encontre mais tão isolada, vez que mantém contatos com turistas e estudiosos de várias partes do mundo que visitam o local em busca não apenas do artesanato por eles produzidos, mas, principalmente com a finalidade de conhecerem a história das pessoas que o constroem, literalmente com as próprias mãos, promovendo desta forma o seu desenvolvimento.

Referências

- ÁVILA, Vicente Fideles de *et al.* *Formação educacional em desenvolvimento local: relato de estudo em grupo e análise de conceitos*. Campo Grande: UCDB, 2000.
- _____. *Cultura, desenvolvimento local, solidariedade e educação*. 2003. Disponível em: [HTTP:WWW.UCDB.BR/coloquio/arquivos/Fideles.pdf](http://www.ucdb.br/coloquio/arquivos/Fideles.pdf). Acessado em 27/nov/2008.
- BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- BAVA, S. C. *Desenvolvimento local: uma alternativa para a crise social? São Paulo em Perspectiva*. São Paulo: v. 10, n. 3, p. 53-59, Polis, 1996.
- CASAROTTO Filho, Néelson. *Redes de pequenas e médias empresas de desenvolvimento local: estratégias para a conquista da competitividade global com base na experiência italiana*. São Paulo. Atlas, 1998.
- DA MATTA, Roberto. *Revitalizando: uma introdução à antropologia social*. 6. Ed. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2000.
- DIEGUES, A.C.S. *O mito moderno da natureza intocada*. São Paulo: USP/NUPAUB, 1996.
- FERREIRA, F. P. *Teoria Social da Comunidade*, ed. Herder, São Paulo, 1968.
- GODARD, Barbara *et. al.* *Gynocritics/Gynocritiques: feminists approaches to the writing of Canadian and Quebec Woman*. ECW, 1987.
- JUNQUEIRA, L. P. Intersetorialidade, transetorialidade e redes sociais na saúde. *Revista de Administração Pública*, v. 34, n. 6, Rio de Janeiro, 2000.
- MARQUES, Heitor Romero; MARTINS, José Carpio (org.). *Territorialidade e desenvolvimento sustentável*. Campo Grande: UCDB, 2003.
- SANTOS, Milton. (Coord.). *O mapa do mundo – fim de século e globalização*. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1994.

_____. *A natureza do espaço*. São Paulo: Hucitec, 1996. 308 p.

_____. *Técnica, Espaço, Tempo: Globalização e Meio Técnico-científico-informacional* / Milton Santos. 5. ed. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

SCHMIDT, Isabel Belloni. *Etnobotânica e ecologia populacional de Syngonanthus Nitens: sempre-viva utilizada para artesanato no Jalapão, Tocantins*. Dissertação de Mestrado: Universidade de Brasília, 2005.

SOUSA, Ruberval Rodrigues de. *Tradição, artesanato do capim dourado e desenvolvimento local no povoado Mumbuca do Jalapão em Mateiros-TO*. Dissertação de Mestrado – UCDB – Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande-MS, [s.n], 2009. 82 f.

SOUZA, Marcelo José Lopes de. O território sobre o espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: *Geografia: conceitos e temas*. Iná Elias de Castro. São Paulo: Bertrand, 1996.

TUAN, Yi-Fu. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. Tradução: Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1980.

VIVES, Vera de. A beleza do cotidiano. In: RIBEIRO, Berta G. et al. *O artesão tradicional e seu papel na sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Folclore – FUNART, 1983.